IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

DISCIPLINA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: UM PARALELO ENTRE HERBART E MONTESSORI

FRANZOLOSO, Mariana Ribeiro- UTP
marifranzoloso@yahoo.com.br

FERREIRA, Adriana Martins - UTP
adriana.psique@yahoo.com.br

Eixo temático: História da Educação
Agência Financiadora: CNPq – Brasil

Resumo

O presente trabalho pretende situar o conceito de disciplina na transformação sócio-educacional que ocorreu no final do século XIX e no início do século XX, sob a visão dos princípios teóricos propostos por dois clássicos da história da educação: o filósofo e pedagogo alemão Herbart e a médica italiana Maria Montessori. Escolhemos analisar o conceito de disciplina nestes dois autores que representam diferentes concepções na filosofia da educação: a concepção humanista tradicional e a concepção humanista moderna. Demonstramos que na teoria de Herbart a moral é a principal finalidade da educação, sendo o governo, o controle que deve ser exercido nas crianças até que elas desenvolvam a disciplina e a instrução considerada o principal procedimento da educação. Também contextualizamos na obra de Montessori o desenvolvimento da disciplina na criança, que não é algo imposto pelo externo, mas sim um desenvolvimento interno, que não pode ser ensinada por palavras, mas por ações. No texto, inicialmente apresentamos as definições dos conceitos de disciplina e de indisciplina, então introduzimos uma breve biografia dos nossos teóricos, a fim de mostrar a importância de contextualizá-los historicamente. Em seguida exploramos o conceito de disciplina na teoria pedagógica de Herbart e Montessori, e por último realizamos algumas considerações sobre a relação apresentada, argumentando que a pedagogia herbartiana é a que mais influencia nossas escolas atualmente, na forma de lidar com a disciplina. Procuramos ao longo do trabalho não concluir, mas suscitar indagações entre os educadores a respeito do tema tratado e, principalmente instigar a reflexão sobre as práticas pedagógicas que prevalecem nas escolas.

Palavras-Chave: Disciplina. Indisciplina. Herbart. Montessori. Escola.

Introdução

Atualmente, uma das questões mais preocupantes e discutidas pelos educadores é a disciplina e os fatores que fomentam a sua ausência no ambiente escolar. Instituída como um

mito, ela é analisada por diversos pontos de vista, por diferentes teorias e profissionais envolvidos na área da educação. A sociedade na qual se estabelece o exercício da disciplina, além de ser constituída por uma diversidade de culturas, vive em constante transformação. A sociedade mudou, o sujeito mudou, e o aluno também mudou. A escola está sofrendo para se adaptar.

Levando em consideração esse contexto, entendemos que a concepção de disciplina mantém uma relação de dependência com o meio social em que está inserida, pois, é de acordo com os princípios e valores pré-estabelecidos pelos grupos que o constituem é que se definem e determinam as regras.

Um dos significados da palavra – disciplina – engloba a relação de submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina, ou seja, significa obediência à autoridade. Segundo Garcia (2006, p. 70) a palavra disciplina tem sua origem no latim *disciplina,* que significa *aquilo que se imparte a um discípulo.* Sua etimologia é a mesma da palavra *discípulo,* que pode ser interpretada como *um indivíduo que se apropria de algo que lhe está sendo mostrado ou indicado,* ou ainda, *aquele que segue*. Assim, discípulo é aquele que aprende.

Desafiar as regras de comportamento e quem as impôs também é uma condição inerente ao ser humano e que, na escola é comumente denominada indisciplina escolar.

É a partir da definição do conceito de disciplina que podemos entender a indisciplina. Parrat-Dayan (2008, p. 18) conceitua disciplina como, regra de conduta comum a uma coletividade para que assim seja possível manter a ordem e a obediência à regra. O termo também evoca a sanção e o castigo que se impõem quando esta regra não é obedecida. Sendo assim, o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras e o de indisciplina, com a desobediência dessas.

Dentro do conceito de indisciplina, a autora ainda coloca que,

> como toda criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais. [...] se, para um professor, indisciplina é não ter o caderno organizado. Para outro, uma turma será carcterizada como indisciplinada se não fizer silêncio absoluto e, já para um terceiro, a indisciplina até poderá ser vista de maneira positiva, considerada sinal de criantividade e de construção de conhecimentos. (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 19).

É essa diferença de olhares para uma mesma problemática que pretendemos desenvolver neste trabalho. Para permitir esta análise, serão comparadas as diferentes visões de dois teóricos antagônicos sobre o conceito de disciplina em suas pedagogias, o alemão Johann Friedrich Herbart e a italiana Maria Montessori. Possibilitando assim, uma leitura de como um tema tão contemporâneo como a indisciplina, já era tratado no século XIX e no século XX, dentro de uma teoria pedagógica. Ou seja, a indisciplina escolar é um fenômeno antigo presente nas escolas de todas as épocas, mudando sim as formas de sua manifestação dependendo do contexto histórico e social.

Johann Friedrich Herbart

Johann Friedrich Herbart nasceu no dia 04 de maio de 1776, em Oldenburg, na Alemanha. Em 1794 iniciou seus estudos sobre filosofia e pedagogia na Universidade de Iena, onde a filosofia de Kant predominava. Foi professor na Alemanha e na Suíça e autor de inúmeras obras, influenciando o pensamento da pedagogia clássica até os dias de hoje. Herbart morreu em 1841.

Segundo Larroyo (1974, p. 631), Herbart está entre as quatro cabeças diretoras da pedagogia clássica dos tempos modernos, juntamente com Comênio, Rousseau, e Pestalozzi. Dentre eles foi Herbart o primeiro a construir um sistema da teoria educativa, sistematizando a pedagogia enquanto ciência. Os outros haviam então elaborado tópicos da educação. De acordo com Freitas e Zanatta (2006, p. 6), a pedagogia herbartiana juntamente com as idéias de Comênio, Pestalozzi foram difundidas no Brasil por Rui Barbosa, na Primeira República, em oposição ao ensino jesuítico até então predominante. Mesmo assim, de acordo com Saviani (1998, p. 25), a pedagogia de Herbart foi sistematizando o modo como as escolas convencionais desenvolveram o ensino, e os seus passos formais constituíram procedimentos didáticos que na realidade ainda subsistem nas escolas atuais.

Maria Montessori

A teoria pedagógica instituída por Montessori insere-se no movimento das Escolas Novas, datado nas primeiras duas décadas do século XX. Tratou-se de uma oposição aos métodos tradicionais de ensino que não respeitavam as necessidades e os mecanismos evolutivos do desenvolvimento da criança. Portanto, confere-se à ela, um papel de destaque

neste movimento, pelas novas técnicas que apresentou para os jardins de infância e para as primeiras séries do ensino formal. Suas escolas eram mistas, característica essa, que implicava uma inovação dos padrões seguidos na época.

Maria Montessori nasceu na Itália, em 1870, e morreu em 1952. Era filha de um oficial do governo italiano. Foi uma estudante brilhante e formou-se em medicina, tornando-se a primeira mulher formada em medicina da Itália, graduando-se médica em 1896. Iniciou um trabalho com crianças deficientes na clínica da universidade, vindo posteriormente dedicar-se a experimentar em crianças sem problemas, os procedimentos usados na educação dos "não normais". Montessori (1912, p. xviii) afirmava que, a deficiência mental é, acima de tudo, mais uma questão pedagógica do que, principalmente um problema médico.

Desde a sua morte, em 1952, suas teorias sobre educação foram desenvolvidas e aplicadas em toda parte e, as escolas que seguem o sistema proposto por Montessori foram difundidas pelo mundo todo.

Herbart X Montessori

Neste ensaio pretendemos destacar como a disciplina e a obediência desempenham um papel vital no processo de formulação de uma pessoa, e destacar aqui as principais diferenças de visão e interpretação destes conceitos entre os dois teóricos da pedagogia.

Na perspectiva de Montessori, estas duas virtudes são relacionadas com o desenvolvimento da vontade da criança em constituição. Para ela, disciplina não é algo externo, mas sim, crescente a partir do interior do indivíduo. Uma criança é um sujeito livre e disciplinado capaz de fazer escolhas para si mesmo. É uma lei natural da vida, onde está em curso um processo dependente de liberdade pessoal.

Na educação de Herbart, o objetivo é a moralidade e, é através da imposição dela que a criança pode desenvolver sua própria disciplina. Até que a criança não tenha internalizado a disciplina, ela precisa inicialmente do governo que é externo, e é mostrado para ela com a imposição de uma autoridade.

Já de início fica clara a diferença de pensamento entre nossos dois teóricos. No entanto, é importante caracterizar o momento histórico e educacional que os envolvia.

O filósofo e pedagogo Herbart, pelas características de seu pensamento, tornou-se um dos grandes teóricos da Escola Tradicional, onde o professor assume a autoridade, as atividades são ritualizadas, o espaço é extremamente ordenado e os alunos seguem uma rotina

estruturada, com o constante controle de seus movimentos. Herbart falava da disciplina interna, mas que para ser atingida, deve vir primeiramente da externa, ou seja, do governo, da autoridade, utilizando-se quando necessário, da repressão e da coação. Assim como em toda educação da Escola Tradicional, o silêncio é visto como uma virtude social.

Nesta época, século XIX, estavam se desenvolvendo as grandes cidades e as indústrias, a classe média surgindo com seu trabalho menos braçal. Ghiraldelli Junior (2002, p. 21) afirma que, a escola nesse cenário ocupava um lugar essencialmente moral, e a teoria de Herbart foi ideal para o sistema público de ensino que então surgia.

Gomes (2003, p. xxv) também aponta que, a escola herbartiana foi sofrendo ataques e oposições, principalmente pelo seu formalismo e rigidez, que não se conciliavam com os princípios da Escola Nova, representada principalmente por John Dewey, um dos principais opositores. Dewey criticava a educação pela instrução, que tinha como ênfase a memorização e o intelectualismo, propondo em seu lugar a educação pela ação.

É neste momento, no início do século XX, que surge a Escola Nova, seguindo a proposta de alguns teóricos da educação que valorizavam o ensino democrático. Entre eles, incluí-se Maria Montessori e sua escola de alunos ativos e responsáveis por aquilo que desejam aprender.

Segundo Parrat-Dayan (2008, p. 28), a Escola Nova propôs outro tipo de disciplina, o autogoverno, ou disciplina interna. As normas da organização da escola são elaboradas democraticamente e revisadas criticamente por todos os indivíduos do grupo.

A autora ainda coloca que, esta forma de entender a disciplina, proposto pela Escola Nova, permite a convivência escolar democrática, mas que não exclui a possibilidade de emergência de situações de conflito. Esta idéia de disciplina permite tanto aos professores quanto aos alunos exercerem a responsabilidade, sendo os principais autores desta transformação.

No entanto, podemos perceber que hoje, exatamente um século mais tarde, a maioria dos princípios da Escola Nova ainda parece assustador a alguns educadores e, a escola em que vivemos hoje, sofre profunda influência da Escola Tradicional de dois séculos atrás.

Agora contextualizados, voltemos a enfocar suas diferentes teorias em relação ao conceito de disciplina.

Enquanto que, para Herbart, o objetivo da educação é a moralidade, para Montessori, o objetivo da educação é a vontade própria e a atenção, com o qual a criança tem liberdade de escolher o material a ser utilizado, proporcionando a cooperação.

Para Herbart (2003, p. 45) não podemos separar o problema da educação moral da educação integral, pois ela se liga de maneira complexa aos outros problemas da educação. Para o autor o aspecto moral é a principal finalidade da educação, sendo alcançado através de três conceitos centrais: governo, disciplina e instrução educativa.

A moralidade depende da vontade própria, e a educação moral deve produzir uma compreensão, junto com a vontade, na alma do educando. Sobre a formação moral Herbart escreve,

> o objectivo da formação moral não pretende outra coisa senão que as idéias de justiça e bem, em toda o seu rigor e pureza, se tornem os verdadeiros objectos da vontade, e que, de acordo com elas, se determine o conteúdo íntimo e real do carácter, bem como o cerne profundo da personalidade, relegando para último lugar qualquer outra arbitrariedade (HERBART, 2003, p. 50).

São distinguidos por Herbart (2003, p. 55) a individualidade e o caráter. Escreve que somos distinguidos dos outros pela nossa individualidade, que considera inconsciente. A vontade para o autor é a sede do caráter que corresponde a decisões, sendo um processo consciente. Para que o caráter tenha o sentido de moral, a individualidade deve ser mantida no elemento que o autor denomina disciplina.

Em seu livro Pedagogia Geral o autor argumenta que apesar de serem diferentes as preocupações com a formação intelectual e a de manutenção da ordem nas crianças, a segunda não deve ser omitida em qualquer pedagogia, ficando clara a sua preocupação com a indisciplina em sala de aula como forma de interferência na prática pedagógica do professor. Herbart (2003, p. 30) escreve “[...] manter as crianças em ordem é um fardo que os pais de bom grado afastam de si [...]”. O autor utilizou o termo governo referindo-se ao controle que deve ser feito a agitação natural da criança, o que deve ser feito inicialmente pelos pais e posteriormente pelo educador, com o objetivo de submeter às crianças as regras do mundo adulto. Tanto a formação intelectual quanto o governo devem ser realizadas pela educação segundo Herbart,

> um governo que se satisfaça sem educar, destrói a alma, e uma educação que não se ocupe da desordem das crianças, não conheceria as próprias crianças. De resto, não se pode dar uma única aula em que se possa abdicar de tornar as rédeas do governo, quer seja em mãos firmes ou brandas. Se, por fim, tiver que se repartir entre o verdadeiro educador e os pais tudo o que faça parte da educação das crianças, então terá de se fazer um esforço no sentido de se organizarem devidamente de ambos os lados as relações, que se apóiam reciprocamente (HERBART, 2003, p. 30).

A princípio a criança é desprovida de vontade, não sendo capaz de relação moral. Até que se manifestem nela traços de vontade própria, o controle é uma medida de governo da criança, pois quando essa age por conta própria fica com o caráter deformado. O controle rigoroso e constante pode ser incômodo para ambos os lados, sendo que também impede da criança de ter consciência de si mesma. Segundo Herbart "[...] se quiser impor o controle como regra, não se exija agilidade, espírito inventivo, ousadia ou comportamento confiante daqueles que cresceram sob tal pressão" (2003, p.33).

O autor ainda afirma que, com o tempo o educando deve desenvolver de forma autônoma o caráter, ou seja, a disciplina. O governo exerce um controle no educando para que ele possa manter o interesse dirigido ao ensino.

Segundo Larroyo (1974, p. 637), os meios de governo na obra de Herbart são a ameaça, censura, admoestações, etc., ou seja, as normas externas, e tem papel preponderante principalmente nos primeiros anos da primeira infância, devendo com o tempo ceder lugar a disciplina.

Como nas táticas de disciplina da Escola Tradicional, a abordagem de Montessori para a disciplina também é focada no respeito mútuo entre os indivíduos. O que difere da disciplina das outras escolas é que nesta, os estudantes podem escolher suas próprias atividades, ou igualmente, segundo palavras de Montessori (1912, p. 87), escolher não realizar nenhuma atividade.

As regras de disciplina são, em geral, apresentadas de maneira positiva com ênfase na segurança, no respeito ao próximo e ao ambiente, resultando no benefício para todos os membros do grupo.

No ambiente de Montessori, disciplina não é algo que é feito e imposto para a criança, muito menos uma técnica de controle de comportamento. Neste ambiente, a preocupação é com o desenvolvimento das representações já internalizadas de controle e com o desenvolvimento de noções sobre estas regras de convivência a serem internalizadas no dia a dia, que possibilita a criança a fazer sua própria escolha sobre o comportamento correto a

utilizar, porque está internalizado e é, automaticamente, correto para ela. Ela chamava de um indivíduo disciplinado aquele que é mestre de si mesmo e sabe regular sua conduta quando acha que é necessário.

É nas bases da liberdade e de uma boa estruturação é que a criança constrói sua própria disciplina, preconizava Montessori. Em sua obra *The Montessori Method* de 1912, ela discorreu sobre os princípios base da disciplina que, em sua visão pedagógica, se constitui a partir da liberdade da criança. *"Discipline must come through liberty"* (MONTESSORI, 1912, p. 87) e, liberdade para ela é ação, é atividade da criança.

Trata-se de um princípio que, por si só, se choca com os princípios das escolas tradicionais da época e que para estes seguidores, torna-se um tanto difícil de entender e visualizar. Para Montessori, disciplina em uma sala da aula não significava um grupo de crianças sentadas, estáticas em fileiras e em silêncio absoluto. Criança em sua visão era um ser em constituição, mas não um ser inanimado e imóvel, e sim, um ser que em suas condições normais de saúde e desenvolvimento é ativo e livre, e poderia ser ativo e disciplinado concomitantemente.

Em seu sistema, as crianças que aprendem a se mover e ser ativas, ao invés de permanecerem sentadas o tempo todo, são melhores preparadas para a vida, tornando-se capazes, através das atividades na escola, da habituação e da prática, comportar-se corretamente em situações da vida social e em sua comunidade. A disciplina construída a partir da manifestação de liberdade de cada criança dentro da sala de aula cria um hábito entre eles e em suas personalidades, que não fica limitado ao ambiente escolar, mas que se estende a toda sociedade.

Assim, destaca que "a liberdade da criança deve ter como limite, o interesse coletivo e, como forma, o que é universalmente conhecido como uma boa criação" (Montessori, 1912, p. 87).

Toda a manifestação de desejo e vontade da criança deve ser aceita, permitida e observada, sendo esta de amor ou de ódio. Por isso, deve-se procurar identificar e entender o que pode ofender ou incomodar a criança ou os outros e o que possa levá-la a ficar com raiva ou envergonhada, pois toda a manifestação tem um significado que é útil para melhor compreendê-la e compreender o grupo em seu contexto.

Cabe ao professor, não apenas ter capacidade, mas sim, desejo de observar, de conhecer e de perceber cada uma dos seus alunos, além de respeitar todas as maneiras de

expressões da criança. Neste sistema, o professor é muito mais passivo do que ativo e deve ser muito bem treinado e capacitado para a observação científica, recomendava Montessori, ou seja, observar todas as expressões como fenômenos naturais do desenvolvimento infantil, respeitando todos os tipos de manifestações, sendo estes de raiva, de criatividade, de afeto, entre outros. A disciplina aqui, não pode ser ensinada através de palavras, mas por ações.

Neste aspecto, a disciplina vem de dentro da criança e o papel do professor aqui não é de imposição nem de autoridade. Para Montessori (1912, p. 89), o papel do professor é de ser um modelo, um guia, no qual as crianças se espelham e enquanto oferece apoio e segurança às crianças, estas podem se desenvolver até o momento em que escolhem, livremente, seguir as "regras" da sala de aula e da comunidade. O professor, nada mais é que um facilitador do autodesenvolvimento da criança, onde suas próprias atitudes de suporte e carinho levam a construir um mundo de representações na mente da criança do que é adequado para a convivência em grupo e do que não é.

De acordo com Montessori (1912, p. 93), o professor deve estabelecer a disciplina individual em sala de aula, explicando e fazendo os alunos entenderem que se organizarem em seus lugares ordenados indica a idéia de que a sala fica bonita e agradável, de que eles ficam bem nela e de que é uma coisa boa manter a sala agradável e tranqüila para eles mesmos. Uma vez compreendido por eles, eles permanecem em seus lugares, seguros e tranqüilos, como resultado de uma lição aprendida e não de uma imposição. E é tarefa do professor mostrar e conscientizar a criança para que ela não confunda o bem com imobilidade e o mal com atividade, fato bastante ocorrido dentro das escolas tradicionais.

Montessori (1912, p. 93) ainda afirma que uma sala onde as crianças se locomovem de maneira voluntária, útil e inteligente, sem acometer nenhum ato indelicado e rude entre elas, é uma sala de aula muito bem disciplinada, realmente.

De princípios diferentes, é a pedagogia de Herbart, que evidencia a disciplina em sala de aula por outro aspecto, apesar de, teoricamente, sua intenção não era tão estritamente radical como nos parece, ou melhor, como nos foi aplicada na escola.

Na visão de Herbart, o governo deve perpetuar até que a criança consiga a "auto disciplina". A disciplina é formativa e é tanto externa quanto interna. Um discurso semelhante, neste aspecto, ao de Montessori.

De acordo com Herbart (2003, p. 180), o governo deve ceder lugar a disciplina, pois considera extremamente prejudicial para o desenvolvimento da disciplina do educando, o

educador que se habitua com o governo. Segundo Herbart “disciplina é a actuação directa sobre a alma da juventude com a intenção de formar” (2003, p. 180). Entende a disciplina como formativa, devendo ser prolongada e persistente.

De acordo com Hubert, na pedagogia herbartiana:

> a formação da criança divide-se em dois períodos nitidamente distintos: aquele em que ela é simplesmente governada – o “governo” deve unicamente manter a ordem, proteger a criança e só ter em vista o presente; o da “disciplina”, que tem por objeto a cultura do caráter e trabalha para o futuro. Essa disciplina também compreende duas partes: deve dar à criança o conhecimento e inspirar-lhe a simpatia, fazê-la participe do mundo dos valores, o que requer, a um tempo, experiência e comércio familiar. Fica, assim, em evidência, o princípio fundamental da pedagogia de Herbart: toda educação procede do ensino e não há ensino que não comporte educação (HUBERT, 1957, p. 303).

Esta citação nos mostra a importância do papel da família na educação de seus filhos concedida por Herbart. Neste aspecto, Herbart e Montessori apresentam pensamentos semelhantes, pois ambos falam da participação e do engajamento dos pais na educação das crianças, construindo dois ambientes de formação do sujeito – casa e escola. Além disso, a explicação de Hubert, acima, sobre a pedagogia herbartiana, esclarece que a disciplina é formativa e constitui-se na criança através do desenvolvimento desta. Explica que a criança passa por diferentes fases, podemos dizer, para atingir a autodisciplina e, assim, obedecer às regras do mundo em que vive, pois dele também faz parte.

Em um sentido parecido, a pedagogia montessoriana também aponta para uma espécie de diferentes níveis, mas para que a criança consiga internalizar o sentido de obediência. Para obedecer é necessário, não apenas desejar obedecer, mas saber como. A obediência na criança segue o curso de sua formação psicológica e social, o que mostra que, a obediência é que é formativa em Montessori.

Conroy e Williams (2007) destacam que, no método montessoriano podem ser encontrados três diferentes níveis de obediência.

> Deve ser apontada para a criança que obediência é uma lei natural da vida humana e que só pode ser alcançada pelo complexo desenvolvimento psicológico e formação da personalidade. A disciplina pressupõe um grau de obediência. Nos estudos de Montessori, podem ser encontrados três diferentes níveis de obediência. O primeiro se dá até os três anos de idade da criança, que é ainda, verdadeiramente incapaz de obedecer, a não ser que corresponda com alguma necessidade vital. Nessa idade, a personalidade da criança ainda não está formada até o período em que ela possa fazer a escolha de obedecer. O segundo nível de obediência é alcançado quando a criança é capaz de entender o desejo de outra pessoa e consegue expressá-lo em seus próprios comportamentos. E o terceiro e último nível, Montessori chama de *"joyful obedience"*, quando a criança já internalizou o que é e como obedecer, ela já desenvolveu sua disciplina interna onde pode claramente enxergar o valor do que é oferecido à ela e o que pode atingir com isso, é a obediência baseada em uma escolha cheia de significados para ela que teve sua personalidade desenvolvida em liberdade e respeito. (CONROY e WILLIAMS, 2007, p. 09).

Montessori (1912, p. 101) afirma que, seguindo este seu método, na escola, com os materiais e exercícios onde ela deve trabalhar, já é possível internalizar aos poucos estes hábitos de tolerância, paciência e persistência, levando a criança, indiretamente, à obediência. Todos os materiais contêm exercícios que estimulam a força de vontade de cada criança, quando ela completa um exercício, chegando ao final proposto por si só, pacientemente, ela treinou sua força de vontade e internalizou que, para atingir seu objetivo precisou obedecer a um padrão determinado pelo jogo, pelo trabalho. Uma vez que são aceitos e estabelecidos estes princípios, a abolição de recompensas e formas externas de punições acontece naturalmente.

Tal disciplina, segundo Montessori (1912, p. 349), nunca poderia ser obtida através de comandos ditatoriais, sermões e nenhuma outra maneira mundialmente conhecida de se obter disciplina com crianças de uma sala de aula. Pois esta disciplina é interna e depende da vida particular e consciência desenvolvida em cada criança.

Para manter a ordem em sala de aula, cada regra deve ser construída no grupo de alunos e sempre acompanhada de uma explicação. Cada criança é um ser humano diferente do outro, cada um em suas particularidades, então o poder de entendimento também varia de criança para criança. O método Montessori de educação prevê que toda a regra deve ser acompanhada de uma explicação, pois isto possibilita um aprendizado muito mais fácil e aceitável.

Este princípio é claramente distinto do princípio de instrução e disciplina de Herbart, que é, por diferirem neste aspecto, que acabam por se incluir cada um em Escolas diferentes. Na pedagogia tradicional de Herbart, a regra deve ser sempre imposta à criança, em todas as

suas fases, mesmo quando esta já formou a sua autodisciplina, ou seja, quando a criança entende que existe regra e todos devemos obedecê-la para conviver em sociedade.

A disciplina para Herbart possui duas funções: tornar possível a instrução e predispor o interesse no aprendizado. Encontra espaço somente na medida em que a experiência é internalizada induzindo o educando a se submeter de boa vontade.

A instrução é considerada o procedimento principal da educação, e pressupõe o desenvolvimento de interesses, que determinarão as idéias e experiências que o educando dará atenção. Herbart coloca que é importante o surgimento de múltiplos interesses para que a educação seja bem sucedida. Herbart propôs passos formais para a instrução, que são considerados momentos da caminhada instrucional, que favorecem a aprendizagem do educando. Esses passos foram adaptados por seus seguidores, sendo um dos mais conhecidos o realizado por Wilhelm Rein: preparação, apresentação, associação, generalização e aplicação.

Para Herbart, a instrução é determinante na formação da criança e o professor exerce papel fundamental nesta. Sua posição é de autoridade.

Já para Montessori, a posição do professor é de passividade e deve ser treinado para a observação científica e para ser um modelo à suas crianças. No entanto, ele deve estimular a liberdade de pensamento da criança, promovendo tempo e espaço para que a criança desenvolva sua curiosidade, indagação, para que seja pensativa e reflita, agindo espontaneamente e não fornecer tudo e todas as respostas na mão da criança.

Montessori aponta que, ninguém pode ser livre se não for independente. Portanto, sua concepção de disciplina também está relacionada com a promoção da independência nas crianças em sala de aula. O que comumente se refere ao mau comportamento na sala de aula é, por outro lado, a manifestação do sentimento de insegurança e impotência da criança. Aquelas que estão felizes e satisfeitas com seu engajamento nas atividades que possuem uma proposta clara para elas, experenciam o sentimento de poder, participação e comprometimento. Quando a criança consegue fazer alguma coisa sozinha, ela se sente confiante e sob controle.

Assim, podemos concluir que, o objetivo de Montessori com seus estudantes era o desenvolvimento de habilidades necessárias para uma vida completa e produtiva, através da disciplina com liberdade e independência. E o de Herbart, o desenvolvimento do caráter moral para uma sociedade justa, sendo a disciplina a forma de manter firme a vontade do educando.

Considerações Finais

Ao longo do trabalho desenvolvemos como o conceito de disciplina foi contextualizado em duas diferentes teorias pedagógicas, objetivando a reflexão sobre a questão da indisciplina na atualidade, através do pensamento assertivo de promover a disciplina em sala de aula.

Trouxemos a visão libertadora de Montessori em contraponto com a visão tradicional de Herbart, traçando um paralelo entre eles, para nos ajudar refletir sobre a forma de lidar com a (in) disciplina nas práticas pedagógicas da escola atual.

Foi-nos possível perceber, através deste estudo que, a pedagogia de Herbart, datada no século XIX é a que ainda mais influencia nossa educação. A indisciplina tentando ser administrada pelo controle de comportamentos e punições e o autoritarismo de alguns professores. Ou seja, nossa escola hoje ainda apresenta muitos princípios da tradicional, aplicados em uma população pertencente a outro contexto histórico.

Precisamos entender que disciplina não deve ter fim em si mesma, deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que deve formar o aluno como um sujeito pensante, que reflita e possa controlar seus atos. A disciplina, portanto, deve apontar os limites, como normalmente se faz, mas também as possibilidades, geralmente esquecidas. Enfim, partindo do pressuposto de que as transformações pelas quais a sociedade está passando hoje são frutos da história do homem, logo, da sua própria história, entende-se que a indisciplina é gerada em resposta às várias mudanças e que, a disciplina é o resultado do processo educativo, o qual deve objetivar a formação integral do indivíduo, respeitando suas diferenças e, ao mesmo tempo, proporcionando condições para integrá-las, adquirindo assim, resultados positivos em suas relações pessoais.

As duas formas de ver a conquista da disciplina em sala de aula e suas implicações nas práticas pedagógicas, relação professor-aluno e construção do sujeito nos fazem refletir sobre quais são as expectativas dos professores em relação aos seus alunos na escola atual. Esperamos com esta contribuição teórica, não responder dúvidas, mas sim, suscitar indagações entre os educadores a respeito da questão da (in) disciplina e, principalmente, instigar a reflexão sobre as práticas pedagógicas que prevalecem na escola de hoje para a promoção da disciplina.

REFERÊNCIAS

CONROY, Mary e WILLIAMS, Kitty. The Montessori Approach to Discipline. **Tomorrow's Child Magazine.** *v*ol. 15, nº 3, mar/2007. Terra Ceia, FL: The Montessori Foundation, 2007. p. 08 a 12. Disponível em: <http://www.montessori.org/section.php?sectionname=Online%20Library>. Acesso em: 22 jun. 2009.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira & ZANATTA, Beatriz Aparecida. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006, Goiânia. **Anais...** UCG/Vieira, 2006. p.1-10. Disponível em: <http;//www.sbhe.org.br/novo/congressos/abhe4/individuais-coautorais/eixo03/Raquel%20ª.%20M.%20da%20M%20Freitas%20e%20Beatriz%Aparecida%20Zanatta%20-%20tex.pdf>. Acesso em: 03.06.2009.

GARCIA, Joe. Notas sobre o conceito de disciplina. In: Seminário Indisciplina na Educação Contemporânea, 2, 2006. Curitiba. **Anais...** Curitiba: UTP, 2006. p. 69-84.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOMES, Joaquim Ferreira. Prefácio à edição portuguesa. In: HERBART, Johann Friedrich Herbart. **Pedagogia geral.** Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

HERBART, Johann Friedrich. **Pedagogia geral.** Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

HUBERT, René. **História da pedagogia.** São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1957.

LARROYO, Francisco. **História geral da pedagogia.** 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MONTESSORI, Maria (1870-1952). **The Montessori Method**. Translated by Anne Everett George (1882). New York: Frederick A. Stokes Company, 1912.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Tendências e correntes da educação brasileira. In: **Filosofia da educação brasileira.** 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p.19-47.